

Rodrigo Feliciano Caputo
*Universidade de São Paulo /
Unisalesiano*



Professor do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium (Unisalesiano). Mestre em Psicologia Social pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho no IP-USP (2014). Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade do Sagrado Coração (2011). Graduado em Psicologia pelo Unisalesiano (2008). Membro dos Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade e do Lapsi/IPUSP.

CV: <http://lattes.cnpq.br/4206815066423072>

E-MAIL: caputo_br@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1643-4834>

A morte e os vivos: um estudo comparativo dos Sistemas Tanatológicos linense e Bororo

RESUMO: O texto apresenta resultados de um estudo comparativo dos aparatos técnico e simbólico de lida com a morte, típicos de dois grupos humanos contemporâneos que apresentam características histórico-culturais bastante distintas: moradores da cidade de Lins-SP, e remanescentes Bororo que vivem em onze aldeias no estado de Mato Grosso, baseado em pesquisas documentais e empíricas, além de revisões bibliográficas integrativas. Dentre os resultados alcançados, destaca-se a elaboração de terminologia mais precisa para delimitar o campo de estudos em questão, bem como de interpretações teóricas das informações obtidas quanto aos grupos estudados, na perspectiva da fenomenologia

hermenêutica. As conclusões ressaltam que, conquanto seus respectivos Sistemas Tanatológicos apresentem nítidas diferenças, ambos os grupos têm vivenciado um progressivo distanciamento dos indivíduos adoentados, moribundos e enlutados, indicativo de “ataques” aos seus respectivos sistemas de lida com a morte, inobstante o fato de que, em ambos, estes Sistemas continuem a representar um importante organizador psicossocial.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema Tanatológico; Ritos de Morte; Interações Sociais; Contemporaneidade.

Death and the living: a
comparative study on the
thanatological systems linense
and Bororo

ABSTRACT: The text presents results of a comparative study of the technical and symbolic apparatuses of dealing with death, typical of two contemporary human groups that show very distinct historical-cultural characteristics: citizens of the city of Lins-SP, and remnants Bororo living in eleven villages of the state of Mato Grosso, based on documental and empiric researches, in addition to integrative bibliographic reviews. Among the results achieved, the elaboration of the most precise terminology to establish the fields of studies in question stands out, as well as theoretical interpretations of the obtained information regarding the studied groups, from the

perspective of hermeneutic phenomenology. The conclusions highlight that, although their respective Thanatological Systems show clear differences, both groups have experienced a progressive detachment from the suffering, moribund and bereaved individuals, indicative of “attacks” on their respective systems of dealing with death, despite the fact that, in both cases, these Systems keep on representing an important psychosocial organizer.

KEYWORDS: THANATOLOGICAL
SYSTEM. DEATH RITES.
SOCIAL INTERACTIONS.
CONTEMPORANEITY.

A morte e os vivos: um estudo comparativo dos Sistemas Tanatológicos linense e Bororo

Rodrigo Feliciano Caputo
Universidade de São Paulo / Unisaiesiano

INTRODUÇÃO

Boa parte (senão todos) os fundamentos culturais de uma sociedade convergem em seu modo particular e sistemático de lidar com a morte, formulando prescrições técnicas e simbólicas que permitam integrar a morte à realidade social e garantir a restauração da vida comunitária após a morte de um ou alguns de seus membros. Assim, condicionam largamente todas as interações sociais que compõem a vida cotidiana das pessoas - por isto mesmo, os sistemas de lida com a morte apresentam grande interesse para a Psicologia Social, embora venham sendo estudados incipientemente neste campo. O presente estudo visa contribuir para o necessário aprofundamento conceitual e metodológico sobre o assunto, primeiramente, através da delimitação de campo dos sistemas de lida com a morte, a descrição de suas estruturas e funcionalidades e o estabelecimento de uma terminologia clara;

adicionalmente, através do estudo comparativo de dois grupos humanos contemporâneos: linenses e os remanescentes Bororo, buscando compreender como tais modos de lidar com a morte repercutem sobre a vida dos membros desses grupos.

SISTEMAS DE LIDA COM A MORTE

Segundo alguns grandes pensadores, o homem é o único ente que tem consciência de sua morte, possuindo uma terrível certeza de que não pode evitá-la (p.e.: HEIDEGGER, 1989; SCHOPENHAUER, 2006; MONTAIGNE, 1987); além disso e inobstante os aspectos certos e esperados, a morte é permeada por incertezas, tais como o tempo (quando), o espaço (onde) e a qualidade desta (fim ou transição). De modo ambivalente, o homem sabe da sua finitude e sente medo da morte (DURAND, 1994), bem como traz em si o desejo da eternidade (FREUD, 1915/1974), ou seja, o homem traz em si um antagonismo: sabe-se mortal e, contudo, sente-se imortal (MORIN, 1970). Isso, evidencia que a lida com a morte é um dos elementos constituintes essenciais do homem (HEIDEGGER, 1989).

Dada a importância do vínculo afetivo na formação e manutenção do eu e dos grupos humanos, em igual medida também é grande o impacto, individual e coletivo, da ruptura. A experiência da morte do outro e, conseqüentemente, a antecipação da própria morte, estabelece a situação limite por excelência para o indivíduo, de tal modo que o mobiliza gerando angústia, medo e horror, provocando assim um grande colapso psíquico, que demanda a resignificação da sua biografia (BERGER; LUCKMANN, 2001) e elaboração do luto (FREUD, 1915/1974). No campo social as funções e papéis que eram exercidos pelo morto precisam ser assumidos por outro(s).

É para minimizar tal padecimento que toda sociedade desenvolve sistemas de lida com a morte, os quais são relevantes para os agrupamentos humanos. Contudo, há superficialidade das definições, a falta de delimitação do tema e uma imprecisão terminológica. Tais esclarecimentos são fundamentais para que, posteriormente, façamos as análises dos sistemas de lida com a morte linense e Bororo.

Existem poucas publicações tratando especificamente sobre as organizações coletivas de lida com a morte. Em uma pesquisa realizada no dia 18 de dezembro de 2017, na Plataforma Brasil e Scielo – Scientific Electronic Library Online, enviando ordem de busca em todos os índices, foram pesquisadas (uma por vez) as seguintes palavras-chave: necro-sistema(s); sistema(s) mortuário(s); sistema(s) funerário(s) e sistema(s) tanatológico(s). Nas pesquisas feitas na plataforma Brasil, a resposta obtida foi que não havia documentos referentes àquelas buscas. No Scielo houve poucas publicações resultantes da busca (p.e. ABBEG; BASTOS; MENEGHEL, 2003; SANTOS, 2009), sendo que nestas a terminologia sistema mortuário e/ou sistemas fúnebres não possuem nenhuma definição, delimitação do tema ou justificativa do uso de tal termo.

Cunha (1978), utiliza o termo “sistema funerário”, porém não discute a escolha deste termo e também não realiza uma definição do mesmo. Porém, delimita o campo nas tarefas funerárias que antecedem à morte (p.e. presságio, últimas disposições, etc.) e as que lhe sucede (enterro, luto, etc.).

Kastembaum e Aisemberg (1983) nomeiam de diferentes modos os conjuntos integrados de lida com a morte: Sistema mortuário, tanatológico, fúnebre e necro-sistemas e os apresentam como sinônimos, porém define que estes consistem nas “[...] palavras e ações concernentes à morte sejam consideradas como constituindo, juntas, um sistema. Todas as sociedades desenvolveram um ou mais sistemas

fúnebres pelos quais podiam se entender com a morte nos seus aspectos pessoais e sociais” (KASTEMBAUM; AISENBERG, 1983, p. 151).

No intuito de ampliar e refinar a conceituação, propõe-se, que os sistemas de lida com a morte consistem nos modos institucionalizados de organizar, orientar e modular o repertório das condutas humanas individuais e coletivas diante da morte. Estes possuem pré-indicações dos modos de pensar, sentir e comportar-se, bem como dos atores sociais, papéis e funções a serem exercidas nas situações de morte. Tais modos são legitimados por um universo simbólico, transmitido pela socialização, tornando-o reconhecido como válido e comum a um determinado grupo, por meio de identificações e negações. Desta maneira, com base em Kaës (2005), funcionam como um organizador social, oferecendo um sentido à morte e meios, supostamente eficazes, para a “(re)organização” nas esferas psíquicas e sociais dos membros do grupo para lidar com a morte.

Entendemos também, que os constituintes e funcionalidades dos sistemas de lida com a morte podem ser resumidos em três categorias, as quais delimitam o tema: não deixar morrer, preparação para o morrer e o morrer propriamente dito e as ações humanas pós-morte.

Parece-nos, portanto, que os termos: sistema fúnebre, sistema mortuário ou necro-sistemas, embora nomeiem bem ao momento da morte (agonia, funeral, sepultamento, etc.) e do pós-morte (escatologia), porém, se mostram insuficientes para nomear as ações que tentam evitar a morte (os resgates, rituais de cura, proteção contra a morte violenta, etc.) e que também, entendemos pertencer ao campo dos sistemas de lida com a morte. Assim, parece-nos mais pertinente que estes, sejam intitulados de “Sistemas Tanatológicos (ST)”, pois tal termo, remete-nos ao universo mítico dos gregos no qual, Thanatos busca o moribundo

no mundo dos vivos para conduzi-lo ao mundo dos mortos - busca à qual os homens defrontarão a mais encançada resistência (p.e. mito de Sísifo e na luta com Herácles); resistência que, fadada ao insucesso, cederá lugar, afinal, aos rituais funerários e às construções escatológicas.

PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa aqui relatada consistiu em um estudo exploratório, a fim de aumentar o conhecimento sobre o fenômeno estudado (MARCONI; LAKATOS, 2010), tal estudo foi de cunho descritivo e comparativo, pois assim permite a descrição e comparação da população e fenômeno estudado (GIL, 2002).

A população estudada foram dois grupos sociais: “linenses” e “Bororo” que guardam diferenças marcantes, sobretudo, nos modos de manejo da morte e as implicações desta distinta maneira nas interações humanas. Os linenses são os habitantes da cidade de Lins-SP, com população estimada, em cerca de 77.021 habitantes (IBGE, 2017).

Os Bororo atualmente se distribuem pelas bacias do rio Araguaia e do rio São Francisco, no estado do Mato Grosso. Em 2014, havia 1.817 “Bororo”, distribuídos em onze aldeias, situadas em seis Terras Indígenas no estado de Mato Grosso (Meruri; Sangradouro; Jarudori; Tadarimana; Teresa Cristina e Perigara (POVOS, 2017 *apud* Siasi/Sesai, 2014).

Os procedimentos metodológicos utilizados foram revisão bibliográfica e a pesquisa empírica consistiu no exame de fontes documentais. Estas informações foram complementadas por observações participantes ocorridas na cidade de Lins e na aldeia Bororo Meruri e, em acréscimo, por onze entrevistas semiestruturadas, com sete linenses pertencentes as instituições que lidam

com a morte e o morrer (médico cirurgião e legista; agentes funerários; coveiro; delegado de polícia; bombeiro; resgatista e padre) e quatro Bororo (dentre estes o critério primordial na escolha dos depoentes foi o vínculo tecido na pesquisa de campo, pois os processos relativos a morte e o morrer são acessíveis a grande parte dos moradores). O tratamento dos dados foi inspirado nos meios propostos pela História Oral Temática, que consiste em uma técnica, na qual se busca do depoente o seu esclarecimento ou opinião a respeito de um assunto específico (MEIHY, 1996). Os dados colhidos foram interpretados à luz das teorias estudadas, na perspectiva da fenomenologia hermenêutica de Gadamer (1999), por meio da qual buscamos realizar uma análise comparativa, visando compilar aquilo que se manifestou nos Sistema Tanatológico Bororo e o Sistema Tanatológico Linense e os respectivos reflexos nestes grupos.

BREVE DESCRIÇÃO DO SISTEMA TANATOLÓGICO LINENSE (STL) E DO SISTEMA TANATOLÓGICO BORORO (STB)

Dada a dimensão desta pesquisa, sendo que os ST espraiam-se para quase todos (senão todos) os campos da atuação humana, descreveremos o STL e o STB focando nos seus fundamentos estruturais e funcionais. O STB e STL possuem semelhanças quanto a sua estrutura e finalidades, já que ambos partem de um modelo triádico, com três frentes que visam: evitar a morte, lidar com a morte e dar sentido a morte e ao morrer. Embora, esses dois ST se estabelecem em um modelo tripartite, a construção cultural dessas frentes e a qualidade dos arranjos se mostram distintos.

O STL, na atualidade, possui mais de uma instituição nas frentes que compõem a tríade, sendo que dentre as instituições que tentam evitar a morte podemos citar Bombeiros, Resgate Rodoviário, os

Estabelecimentos de Saúde, a Defesa Civil, Polícias Militar e Civil; as que cuidam dos mortos podemos citar os Velórios, Cemitérios, Empresas Funerárias, e há instituições religiosas e laicas que, além de oferecer assistência aos moribundos e entes queridos durante os estágios do morrer, também oferecem a estes um modelo escatológico que visa dar algum sentido à morte (com predomínio da crença na escatologia cristã – baseada na ressurreição da alma). Assim, O STL orienta os linenses nas diversas situações de morte (naturais ou violentas), nas quais pré-indica os aparelhos sociais que devem ser acionados e à quais atores sociais pode-se, ou mesmo deve-se, recorrer.

Na história linense, percebe-se que, antigamente, estes eram próximos dos processos da morte e do morrer, já que muitas dessas ações eram exercidas e acompanhadas pelos próprios familiares (cuidados ao adoecer - remédios e tratamentos caseiros -, a agonia do moribundo e o velar o defunto) e muitos procedimentos ocorriam no âmbito doméstico. Na atualidade, percebe-se uma crescente terceirização e profissionalização nos cuidados concernentes ao processos do morrer, as quais são deixadas a cargo de profissionais e instituições específicas, cujos locais não são familiares e possuem restrições no acesso como: hospitais, velório e cemitérios.

Ao que tudo indica, esses fatores provocaram o distanciamento dos linenses dos estágios do morrer, tornando-os alheios a tais processos. Segundo Ariès (1989), a transformação da “morte domesticada” em “morte interdita” passou a ocorrer em todo ocidente e, ao que parece, tal fenômeno passou a ocorrer gradativamente na sociedade linense, praticamente, na mesma medida que a cidade tornava-se mais urbana, mais industrial e mais globalizada.

Os Bororo em decorrência dos processos de aculturamento sofrido pelo contato interétnico, traz no seu modo triádico de enfrentamento da morte, um modelo próprio, proveniente de sua

tradição, que resiste (em algumas frentes precariamente) a outro modo presente nas aldeias oriundas dos *barae* (não índios), no caso o modelo ocidentalizado (inclusive, parecido com o dos linenses). Dada a riqueza cultural desta etnia será possível apenas indicar e realizar breves descrições.

Na frente que visa proteger-se da morte violenta os Bororo possuíam guerreiros e estratégias bélicas (ZAGO, 2005). Porém, seja aqueles que foram tutelados pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) ou catequizados pelas missões salesianas, praticamente, abriram mão de guerrear e, hoje, tais serviços são realizados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio), que possui poder de polícia nas áreas de reserva.

Os modos Bororo de evitar a morte, por meio de tratamentos que visam curar são realizados através da medicina tradicional, sendo que o *bári* (médico-feiticeiro) – que já não existem em algumas aldeias (p.e. Meruri) – realiza rituais de cura, outro personagem importante são os benzedores (geralmente, anciãos da tribo), por fim, deve-se destacar o uso do *erúbo* ou “remédio do mato”, plantas que são utilizadas com fins profiláticos ou curativos (HARTMAN, 1967). Os Bororo também lançam mão da medicina dos *barae*, que possuem alguns programas específicos para os indígenas e tem como base o SUS (Sistema Básica de Saúde) com serviços primários, secundários e terciários, por sinal, muito precários.

Na impossibilidade de evitar a morte, os Bororo a pressentem (por meio de sonhos, sinais dados pelo doente, etc.) e preparam as despedidas acompanhando o moribundo na agonia e na morte, por meio de um ritual fúnebre sofisticado, denominado *Itagá*, através do qual há ações coletivas, por meio das quais, cuidam do morto e dos enlutados (VIERTLER, 1982). Além, do funeral tradicional, na atualidade, ocorre o funeral cristão pelos Bororo

convertidos ao cristianismo. Há casos em que tanto o funeral cristão, quanto o *Itágá* **são realizados**.

Os Bororo acreditam que o *Itágá* permite ao *aróe* (alma) o deslocamento da aldeia dos vivos para a aldeia dos mortos, chefiada pelos heróis míticos Bakororo e Itubore (NOVAES, 2006). Sua nova habitação será similar em todos os sentidos a aldeia dos vivos, pois na aldeia dos mortos também há divisão em clãs e subclãs; bem como os *aróe* desejam caçar, pescar e se alimentar. O *aróe* é um espírito imortal, porém, depois de algum tempo se cansa de ficar na aldeia dos mortos e, caso queira, poderá transmigrar voluntariamente e de modo provisório encarnando-se em um animal qualquer, para fazer uso do seu corpo e obter algum alimento que deseje, porém quando quiser pode retornar à aldeia dos mortos, seja por meio da morte do animal ou saindo espontaneamente. Na escatologia Bororo, independente de suas ações em vida, todas as almas possuem o mesmo destino, pois para eles as sanções e recompensas são recebidas em vida (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962). Há também entre os Bororo, conforme fora dito, aqueles que se converteram e se pautam na escatologia cristã, do catolicismo e, por meio desta, buscam dar sentido à morte e ao morrer.

Algumas práticas do STB se extinguíram, outras são raras e outras perduram. A partir do contato interétnico, os Bororo se aproximaram dos modos de viver e de morrer dos civilizados; embora resistam em pontos fundamentais, este sistema alternativo tem recebido a adesão de membros desta etnia, que tem colhido as vantagens e desvantagens desta inserção, dentre essas últimas um maior distanciamento dos processos do morrer. Embora, ao menos até agora, para os Bororo a morte continua “domesticada”, o que se mostra na proximidade dos trabalhos e cuidados com os doente, moribundos, mortos e enlutados.

DOIS MODOS DE LIDAR COM A MORTE, DOIS MODOS DE VIVER

A descrição feita acima, embora breve, permite-nos tecer algumas comparações entre os dois ST, em questão. O STL consiste em um arranjo complexo de multitarefas, interconectadas e com algum nível de interdependência, porém, com divisões claras, sobretudo, distingue os que lidam com os vivos e aqueles que lidam com os mortos, sendo que os primeiros possuem maior *status* e suas respectivas instituições recebem maiores investimentos financeiros e socioculturais em detrimento aqueles que lidam com os mortos.

No STB, há divisão em três partes no manejo com as matizes da morte; no entanto, se mostram mais integradas e interligadas, compondo um todo. No passado, essas três frentes pareciam ser mais equilibradas; porém, atualmente, parece haver um desnível com a predominância de maiores investimentos no funeral. Nesta cultura a representação da vida e da morte é mais integrada; assim, aqueles que cuidam dos doentes e os que cuidam dos mortos são dotados de *status* semelhantes e, muitas vezes, acumulam as duas funções.

Os especialistas Bororo, antes de assumirem as suas funções, são preparados, geralmente pelos anciãos e líderes culturais, sendo que mais que o repasse de técnicas, são transmitidos modos de viver e de morrer, que serão repassados à todos da comunidade.

Nas entrevistas e observações, percebemos que a lida com a morte, mediada pelo STL vigente, tal como outras esferas da vida na sociedade ocidental, tem sido marcada pelo avanço significativo da técnica em detrimento da ética (DAMERGIAN, 2009). Sendo que, há uma invejável tecnologia para evitar mortes, porém, a comunidade linense não tem sido um *Ethos* para abrigar os mortos e os enlutados.

Na sociedade Bororo, os modos tradicionais de “evitar a morte” diminuíram consideravelmente o seu espaço e os modos dos

civilizados se mostram ineficientes. Apesar disso, os modos culturais, os arranjos institucionais e as interações sociais Bororo na lida com a morte e o sentido dado a esta (p.e. ritual funerário e lutos coletivos - tempo de resguardo propício para o restabelecimento individual e coletivo), além de permanecer, ainda se mostram eficientes diante os impactos da morte. Porém, ao que parece, entre os Bororo, há um luto difícil de ser elaborado, marcado por perdas contínuas - aquele relativo à morte cultural.

As entrevistas e observações indicam que entre os linenses, de modo geral, há mais sofrimento quando morrem crianças e jovens e as piores situações eram os adoecimentos prolongados, com muita agonia ou subitamente em tragédias. Entre os Bororo as mortes mais dolorosas são aquelas em que morrem os anciãos, os detentores dos saberes Bororo.

Na sociedade linense, a “interdição da morte” tende a perdurar, pois este recalque transcende o nível individual e surge também em um esforço coletivo de reprimir pensamentos, sentimentos e comportamentos que remetam à morte e ao morrer. Com base em Kaës (2005), podemos propor que essa interdição da morte tornou-se uma produção grupal do recalque, gerado e mantido por uma aliança inconsciente que o mantém e o fortalece.

Isso parece ter implicações diretas na transmissão da lida com as matizes da morte, no processo de socialização; sendo que, durante a socialização primária, as crianças têm sido vetadas de frequentar (hospitais, cemitérios, velórios, etc.) e falar de morte e, assim, ficam impedidos de criarem estratégias para lidar com esta. A negação da morte também marca o processo de socialização secundária, pois a maioria dos especialistas entrevistados relatou que teve uma formação técnica, porém não foram preparados para lidar com os impactos psicossociais relativos ao morrer.

Tal fato parece ser reflexo de uma sociedade capitalista, voltada à produção e o consumo, nesta perspectiva a morte é contrassenso, pois mortos não produzem, não consomem e atrapalham os vivos de fazerem isso; bem como contrasta em uma sociedade hedonista, tal como a linense, que, predominantemente, voltada ao prazer, não sabe o que fazer com o sofrimento, sobretudo aquele que provém da morte.

Segundo Santos (2000) e Vilar (2000), a negação da morte é um problema das sociedades individuais, nas quais o luto é mais intenso do que nas sociedades coletivas, as quais possuem relações sociais que possibilitam a diluição da dor na coletividade e que a morte seja vista de modo mais natural. Isso parece se confirmar neste estudo, pois a sociedade individual linense apresenta maiores dificuldades de enfrentar o sofrimento proveniente da morte se comparada aos Bororo (sociedade coletiva).

A negação da própria morte e da morte dos seus parece provocar a saturação da morte do estranho, daquele com quem não se tem vínculo afetivo e, que, muitas vezes, é utilizado instrumentalmente para observar aquilo que, geralmente, não se pode olhar, em uma espécie de *voyeurismo* mórbido. Assim, percebe-se o excesso de espaço público e tempo para tratar sobre a morte de desconhecidos e, em contrapartida, a insuficiência de espaço público e tempo para tratar da própria morte ou da perda de um ente querido, o que dificulta a elaboração da dor e da atribuição de sentido à tais ocorrências.

Em resumo, entre os linenses, emergem duas categorias de práticas e discursos concernentes ao processo do morrer, que podem ser nomeadas de “interdição da morte” e “saturação da morte”. No primeiro caso, o manejo das situações do morrer é restrito e negado; no segundo, a lida para com a morte é escancarada e saturada, gerando indiferença. Ambos, criam obstáculos, psíquicos e sociais, no trabalho de elaboração do luto.

O homem, na busca de escapar da angústia oriunda do fato de a morte ser insuperável, embora indeterminada, se lança em preocupações e ocupações cotidianas que o distraiam de tal condição, caracterizando, assim, aquilo que Heidegger (1989) denomina de vida inautêntica; porém quando se, leva em conta, tal condição consiste na vida autêntica. Com base nisso parece que o modo predominante de vivenciar aos processos do morrer entre os linenses caracterizam-se no modo inautêntico. Grande parte dos Bororo parecem viver de modo autêntico tais processos, porém, caso ocidentalizem os seus modos de lidar com a morte, correm o risco também de transformar a “morte domesticada” em “morte interdita”.

Suportar a dor oriunda da morte nunca fora fácil e nunca será, mas, na atualidade, entre os Bororo parece que isso tornou-se um pouco mais difícil. Já entre os linenses, a morte ganha o *status* de intolerável, o que leva a necessidade de mantê-la no desconhecimento. O STL e o STB, enquanto organizadores sociais, sofreram grandes ataques e, com isso, foram fragilizados e perderam parte da sua capacidade de regulação e suporte, de modo que hoje, ambos realizam as suas funções com maiores dificuldades do que antes. Assim, nota-se a negação da morte entre os linenses e entre os Bororo maior distanciamento dos processos do morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados permitem constatar que ambos os grupos, frente às alterações socioculturais intensificadas nas últimas décadas, vivenciaram um progressivo distanciamento dos indivíduos adoentados, moribundos e enlutados. Contudo, e a despeito do intenso processo de aculturação dos “Bororo”, este grupo ainda guarda diferenças marcantes em relação aos “linenses” quanto ao modo de lidar com

a morte. Sobretudo, os “Bororo” mantêm a possibilidade de expressar coletivamente sua dor e de vivenciar o luto comunitariamente, enquanto aos “linenses” restam apenas formas privadas e discretas; além disto, os “Bororo” guardam maior proximidade com tudo o que cerca a morte e o morto. Em ambos os grupos confirma-se que o aparato técnico e simbólico de lida com a morte representa um importante organizador psicossocial, pois orienta e auxilia as pessoas no enfrentamento individual e/ou coletivo da morte, favorecendo a elaboração dos impactos psíquicos e a reorganização dos papéis e vínculos sociais. Também se verificou, em ambos os grupos, fenômenos indicativos de “ataques” aos seus respectivos sistemas de lida com a morte que, ao que parece, contribuem para aumentar o distanciamento de todas as faces e nuances da morte.

Tomando-se a terminologia utilizada por Ariès (1989), quando denomina de “domesticada” a morte, poderíamos dizer que, devido à condição humana a morte é “selvagem”, mas, com organizadores sociais mais estruturados, pode tornar-se “domesticada” - tal como já afirmava Montaigne (1987): para domar a morte basta dela se avizinhar. Porém, isso só é possível através de st que, de fato, proporcionem a lida com a morte com um mínimo de terror. Ao que parece, o stb ainda exerce tal função, porém, o stl cada vez mais caminha para um modo muito ineficiente de lidar com aquilo que se evidencia a toda hora: a morte.

REFERÊNCIAS

- ABBEG, C.; MENEGHEL, S. N.; BASTOS, R. "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos": um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer. *Hist. Cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v 10, n. 2, ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 de out. 2013.
- ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. J. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962. v. I: Vocabulários e Etnografia.
- CUNHA, M. C. Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. São Paulo: Hucitec, 1978.
- ARIÉS, P. Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média. Lisboa: Teorema, 1989.
- DAMERGIAN, S. Para além da barbárie civilizatória: o amor e a ética humanista. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DURAND, G. *L'Imaginaire: essai sur lês sciences et la philosophie de i'image*. Paris: Hatier, 1994.
- FREUD, S. (1915). Luto e Melancolia. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV).
- GADAMER, H. G. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HARTMANN, T. Nomenclatura botânica dos Bororo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ USP, 1967.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Panoramas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/lins/panorama>>. Acesso em: 30 dez. 2017>.

KAËS, R. Os Espaços Psíquicos Comuns e Compartilhados: Transmissão e Negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KASTEMBAUM, R.; AINSENBURG, R. Psicologia da morte. São Paulo: Pioneira, 1983.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2010.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 1996.

MONTAIGNE, M. Ensaios. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MORIN, E. O homem e a morte. Lisboa: Europa-América, 1970.

NOVAES, S. C. Mulheres homens e heróis: dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo. São Paulo: USP, 1979.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Apresenta informações sobre os povos e a temática indígena. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/bororo/240>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SANTOS, F. S. Perspectivas Histórico-Culturais da Morte. In: _____; INCONTRI, D. (ORGS). A Arte de Morrer: Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2009. vol. 1.

SANTOS, M. S. R. O sentido da perda na cidade. Mestranda pelo PPGS-UFPB (Campus I - João Pessoa). Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/oo-santos>>. Acesso em: 03 abr. 2006.

SCHOPENHAUER, A. Da Morte/ Metafísica do Amor /Do

Sofrimento do Mundo. São Paulo:
Martin Claret. 2006.

VILAR, M. Luto e Morte: uma
pequena revisão bibliográfica.
João Pessoa, 2000. Disponível
em: <[http://www.cchla.ufpb.br/
chaos/01-vilar.htm-25](http://www.cchla.ufpb.br/chaos/01-vilar.htm-25)>. Acesso em
23 dez. 2017.

VIERTLER, R. B. Aróe j'Aro:
implicações adaptativas das
crenças e práticas funerárias dos
Bororo do Brasil Central. São
Paulo: USP, 1982 (Tese de Livre-
Docência).

ZAGO, L. Etnoistória Bororo:
Contatos, alianças e conflitos
(Séculos XVIII e XIX). 2005. 135
f. Dissertação (Mestrado em
História) – Universidade Federal
do Mato Grosso do Sul, Dourados,
2005.